



ENTREVISTA

MOISÉS SBARDELOTTO

O tema comunicação e evangelização tem sido amplamente refletido desde antes do contexto da pandemia do novo coronavírus e Moisés Sbardelotto é um dos principais pensadores do assunto em nosso país. Jornalista, mestre e doutor em Ciência da Comunicação é também autor de "E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital" (Paulinas, 2017) e de "E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosa na internet" (Santuário, 2012), significativas contribuições sobre as novas tecnologias, o testemunho e anúncio do Evangelho nos espaços digitais.

Na entrevista concedida à Ir. Valéria Andrade Leal, discute as novas formas de relação que vão se estabelecendo por meio das redes sociais e que ao mesmo tempo geram "uma "bulimia" de informações e uma "anorexia" de relações e conhecimento", o que toca diretamente às interações e processos de socialização no contexto escolar. Nos instiga também a pensar sobre o papel da educação, novas linguagens para entrar em diálogo com as novas gerações e metodologias mais apropriadas que ultrapassem o uso das tecnologias como meros recursos. Cita exemplos bem sucedidos de evangelização nas redes e lembra também que "a evangelização nas redes exige coerência de vida". Confira!

1. A comunicação digital avançou muito em pouco tempo e vem sendo consideravelmente democratizada. Você acredita que novas formas de relação estão sendo moldadas a partir disso?

Em termos de comunicação digital destaco que 71% dos brasileiros estão conectados, segundo pesquisa da DataReportal, publicada no início deste ano. A média de tempo que cada brasileiro passa conectado é de 9h17min por dia. Estes dados

indicam que as relações, cada vez mais, são mediadas pela tecnologia. O filósofo Luciano Floridi fala de onlife, da conectividade como dimensão existencial, pois as pessoas vivem conectadas, e as relações se dão na conectividade. Vivemos em contato e as distâncias não são um empecilho. Convivemos com várias pessoas ao mesmo tempo nas lives e videoconferências. Podemos construir nossa identidade partilhando outras identidades, o que alguns estudiosos chamam de nova intersubjetividade. Também é positiva a questão do tempo: posso deixar uma mensagem no celular que a pessoa pode responder depois. O e-mail também permite essa relação. O tempo pode ser negociado entre as pessoas. Ao mesmo tempo, há aspectos negativos como as alteridades *à la carte*, ou seja, eu escolho com quem vou me relacionar. Se alguém me incomoda e não tem os meus gostos eu bloqueio, delete. Desta forma, construo relações, a partir do meu ego, com quem me agrada. São “bolhas” em que ficamos sempre no mesmo mundo, consumindo mais do mesmo e nos custa entrar em contato com o diferente. Em longo prazo isso gera preconceitos, discriminação, discursos de ódio e violência nas redes. Há abertura e possibilidade de construir relações diversificadas e ao mesmo tempo nichos que empobrecem as relações. É a ideia de escassez na abundância: a rede traz uma abundância de possibilidades, mas optamos pela escassez de contatos. Fala-se que vivemos em uma “bulimia” de informações e em uma “anorexia” de relações e conhecimento. Estamos sobrecarregados de dados e, ao mesmo tempo, sentimos falta de relações e conhecimentos profundos. Vivemos na superficialidade.

2. A Escola Católica é espaço de interações entre pessoas e ideias. Como as novas tecnologias da comunicação contribuem para a formação integral neste ambiente?

A ideia do onlife vale para a escola que, historicamente, sempre foi tecnológica: basta pensar no quadro negro, caderno, livro... São tecnologias das quais a escola foi se apropriando ao longo do tempo. As novas tecnologias não ficam fora da sala de aula, mas talvez assustem por serem novas. Entretanto, é fundamental não apenas ter computadores, tablets etc., mas conhecer e apreender as linguagens, as novas formas de pensar, os métodos mais ligados à cultura digital que também pede mais variedade, passando pela imagem, som, experiência. Diante disso, destaco três aspectos. O primeiro é a tecnologia como recurso didático. Trata-se de pensar o computador, o celular ou outros como tecnologias que ajudam no processo formativo. São meios para o acesso ao digital, à internet que é um enorme banco de dados, uma grande memória da própria cultura. Muitas vezes as pessoas acham que, na educação católica religiosa, há poucos recursos digitais sobre religião, catequese, mas não é necessário que esses recursos estejam prontos. Cabe aos responsáveis pela educação “pedagogizar” os recursos já existentes, talvez produzidos por outras entidades, mas que envolvem valores e princípios importantes também para a fé cristã. Observar quais são usados pelos alunos e trazer

para a sala de aula como forma de desenvolver os conteúdos. O ambiente digital também é importante para a formação psicopedagógica. Hoje publicamos praticamente toda a nossa vida nas redes. Para os professores e para quem acompanha os jovens e as crianças a internet pode ser um ambiente para conhecer mais o estudante. Talvez ele construa uma imagem diferente nas redes, mas os educadores podem captar o que este jovem quer dizer, o que está vivendo, suas alegrias e sofrimentos, o contexto social e familiar. Bento XVI já dizia que na rede não se partilham apenas ideias e informações, mas a pessoa se comunica a si mesma. Neste sentido, os educadores podem conhecer mais para contribuir com o crescimento de cada estudante, ao mesmo tempo em que também se dão a conhecer. Um terceiro aspecto é que o digital favorece a formação sociocomunitária, pois facilita a construção de redes e a ampliação dos vínculos. Depois da aula a turma pode ter um grupo, uma página, um blog, enfim, manter o vínculo trocando informações e experiências do dia a dia. É importante pensar uma sala de aula expandida. Há também a possibilidade de contato com outras realidades, por exemplo, as lives em que podemos interagir com pensadores, pesquisadores, autoridades que talvez nunca estariam na escola presencialmente. O digital une ruas e redes. O mesmo vale para a sala de aula: unir a sala de aula com o cotidiano das crianças a partir do ambiente digital, facilitando a construção das relações.

3. A Escola Católica educa e evangeliza. Como a evangelização pode alcançar as novas gerações a partir das tecnologias, considerando as interações já existentes no espaço escolar?

Não dá para pensar as tecnologias como meros recursos da evangelização. O Papa Francisco reforça a importância da inculturação, ou seja, pensar o ambiente digital como lugar em que a evangelização tem que se inculturar. Para isso o Papa fala de buscar as formas e os valores positivos que existem nas culturas, o que também se aplica ao ambiente digital, como a conectividade, a facilidade de contato e de relação, de conhecer o diferente, enfim, são muitos aspectos que podem contribuir. Válida também é a reflexão do Papa Francisco sobre os discípulos de Emaús. Ele coloca três pontos. Primeiro Jesus vai ao encontro dos seus discípulos. Ir ao encontro das pessoas onde elas estão, ter presença nas redes, dialogar, ver o que as pessoas fazem, do que gostam, a sua linguagem e sofrimentos. Ir ao encontro também pelas redes. Um segundo passo é que Jesus se coloca à escuta. Ele pergunta e deixa falar. Isso nas redes é muito importante. Muitas vezes adolescentes e crianças que vivem períodos de mudanças e decisões vão buscar respostas “jogando no Google”. Que bom a Igreja ter uma presença significativa, que ofereça boas respostas ou mesmo um contato pessoal com formadores, sobretudo religiosos e padres, com quem os jovens possam conversar nas redes, trocar uma mensagem de Whatsapp ou no Facebook. Talvez as dúvidas apareçam mais no mundo digital

do que numa conversa pessoal, já que nas redes os jovens se sentem mais livres, é a linguagem deles e eles se sentem mais abertos para a conversa. Por fim, o Papa coloca a questão do diálogo. Jesus escuta, mas também fala a sua verdade. A Igreja tem que oferecer respostas falando na linguagem dos jovens, a partir do imaginário deles. Isso é fundamental. Com abertura, sem verdades impostas, mas numa verdade dialogada, construída em conjunto. Mas o mais relevante ainda é o testemunho. Muitas personalidades católicas tendem ao exibicionismo. Constrói-se uma imagem nas redes, mas que muitas vezes não condiz com a realidade de vida dessa pessoa ou surgem escândalos e atitudes equivocadas que desmentem aquela “ilusão” criada no ambiente digital. A evangelização nas redes exige coerência de vida. O que se faz nas redes tem que fazer parte da prática do dia a dia e a vivência pessoal tem que ser traduzida também na linguagem das redes. Não pode ser santidade e beleza que não se concretizam na prática. Isso é um veneno ao lidar com as novas gerações que exigem coerência e testemunho de pessoas que falam aquilo que vivem e vivem aquilo que falam.

4. Há exemplos bem sucedidos de evangelização por meio das mídias digitais?

Existem estudos como o Twiplomacy sobre a “diplomacia no Twitter” que analisam o que os líderes mundiais fazem nas redes sociais digitais. O Papa Francisco é o terceiro mais seguido no Twitter com 50 milhões de seguidores e no Instagram é o 8º, com 7 milhões. Esses dados mostram uma presença bem sucedida. A sociedade em geral segue as contas do Papa porque encontra, além da posição de uma autoridade religiosa, aquilo que a Igreja pensa, como traduz sua doutrina, a tradição e o Evangelho na linguagem das redes. Outro exemplo é “O Vídeo do Papa” que não é só uma presença no Youtube, mas fez com que se atualizasse algo bem tradicional, como as intenções do Papa. Antes as intenções eram um textinho direcionado a um grupo bem específico, de certa faixa etária. Agora, o Apostolado da Oração se chama Rede Mundial de Oração pelo Papa. As intenções continuam sendo formuladas em uma frase, mas que é traduzida na linguagem audiovisual, com vídeos curtos e bastante movimento. Creio que este seja um bom exemplo de evangelização pelas mídias e tem muito impacto dentro da Igreja e, conforme a temática, alcança outros grupos sociais. Igualmente o aplicativo Clicktopray, também da Santa Sé, é uma tentativa de trazer a oração na linguagem dos apps. Este app traz a intenção do Papa, as mensagens do Twitter, do Instagram, o vídeo do Papa. Condensa um pouco do que o Papa faz no ambiente digital e convida o usuário a rezar pela manhã, ao meio-dia e à noite junto com o Papa. É uma linguagem, uma experiência que fez a Igreja repensar a própria ideia de oração.

5. Fala-se do perigo de perder os vínculos do real, a experiência da comunidade. Como superar esse risco e resgatar o sentido de ser comunidade humana e de fé?

Tem uma frase do Papa Francisco sobre as comunidades em redes: "Para ser eu mesmo, preciso do outro". Isso vale para as comunidades online e também para as presenciais. As redes facilitam ou ampliam as relações já existentes presencialmente. Pensando na vida da Igreja, paróquias, grupos de jovens, comunidades religiosas etc. elas já são comunidades, mas com as redes sociais digitais essas relações se ampliam em outros momentos e espaços. Aquilo que já é forte pode ser ainda mais forte e coeso com as mídias digitais. O contrário também acontece: às vezes, graças a um contato nas redes sociais digitais se inicia uma relação que gera um encontro presencial, uma visita, amizade... Cabe também estar atento para o fato de que no ambiente digital, por trás da tela, existem pessoas. As redes sociais digitais podem tornar-se espaços de violência, gerando divisões, perda de amizades... Pelo contrário, é preciso resgatar a ideia de que na rede estamos diante de pessoas que precisam ser respeitadas. É preciso resgatar a dignidade humana e fugir do risco de cair em um individualismo conectado. Se queremos construir comunidade, precisamos estar abertos, atentos, respeitando e escutando o outro. Isso é fundamental para se pensar a ideia de comunidade. Não existe comunidade de indivíduos isolados: a comunidade se dá na relação entre pessoas humanas, nas suas diferenças.

6. O tempo empregado nas redes sociais, às novas formas de relação e a qualidade da informação levantam questões acerca da saúde mental das pessoas e do cultivo de valores. Em longo prazo o que podemos esperar?

Há aspectos negativos que precisamos repensar para que não gerem mais problemas. Um deles é o tempo. O brasileiro já passava muito tempo nas redes, o que aumentou com a pandemia. Só que a vida não é feita apenas de redes e consumo de informações, mas é diversificada. É necessário repensar o tempo e o que fazemos nas redes, quais informações consumimos. Ficar sempre nos mesmos ambientes, ou seja, nas bolhas nos empobrece. Além disso, muitas informações são de má qualidade, fakenews, de violência, de ódio, alimentam sentimentos que podem gerar comportamentos ruins em nós. É preciso fazer um "exame de consciência" do que fazemos nas redes, porque há elementos que podem nos prejudicar. O tempo que a gente passa conectado pode gerar até problemas físicos: estamos sempre sentados, a cognição pode empobrecer com os mesmos conteúdos digitais. É preciso rever e fazer momentos de jejum digital, de silêncio e desconexão em certos momentos do dia.

Na pandemia, descobrimos novas formas de manter as relações. Mesmo longe, podemos nos ver, escutar, cultivar relações mais profundas, porque passamos a conhecer aspectos da vida das pessoas que antes não conhecíamos. Isso é rico e não é somente troca de informações, mas contato, troca de afetos, conversa, escuta.

Isso precisa ser mantido e potencializado. Outro aspecto também é o fenômeno das lives. Uma leitura possível é a necessidade que temos de entender o mundo, de dar significado ao que vivemos neste tempo de pandemia. Estamos cheios de perguntas e as lives foram uma resposta para isso. Temos as mais diversas palestras e cursos, muitas vezes gratuitos e abertos. Uma riqueza para cada um de nós e podemos escolher o conteúdo, o palestrante, a linguagem que mais nos agrada para nos enriquecer, para entendermos essa realidade. Isso nos ajuda a perceber nas redes um espaço de formação.

É fundamental termos consciência crítica. Temos redes infinitas com informações infinitas. Cabe a nós saber escolher, não se deixar levar pelo volume de informações, apenas consumindo dados. Ter consciência daquilo que se quer e daquilo que escolhemos para que as redes não sejam apenas perda de tempo e, com isso, perda de vida. As escolas têm um papel fundamental naquilo que eu chamo de “formação para a informação”, para que as gerações mais jovens não se sobrecarreguem, vivendo ansiosas devido ao excesso de estímulos. Muitos ainda não têm discernimento para escolher e consomem o que vem pela frente, sem se atentar para a necessidade de equilíbrio na sua “dieta midiática”. A escola tem um papel importante na linha da Educomunicação, da alfabetização midiática, para ajudar as pessoas a terem mais elementos para escolher, ler, ouvir com consciência crítica, não engolir tudo como se fosse verdade, para transitarem nessa enxurrada de informações e manter uma atitude ética, de respeito, reconhecendo as diferenças, construindo relações que superem a violência e os discursos de ódio. As escolas católicas podem ajudar a humanizar as redes, não apenas a ocupá-las com as nossas causas, com aquilo que acreditamos, mas também humanizar as redes. Assim, estaremos contribuindo com a cultura do encontro, como pede o Papa Francisco, que não pode ser a cultura da violência, do descarte, do preconceito, do ódio. Esse é o nosso papel como cristãos.